



Notas da Semana - Economia e Mercados Financeiros

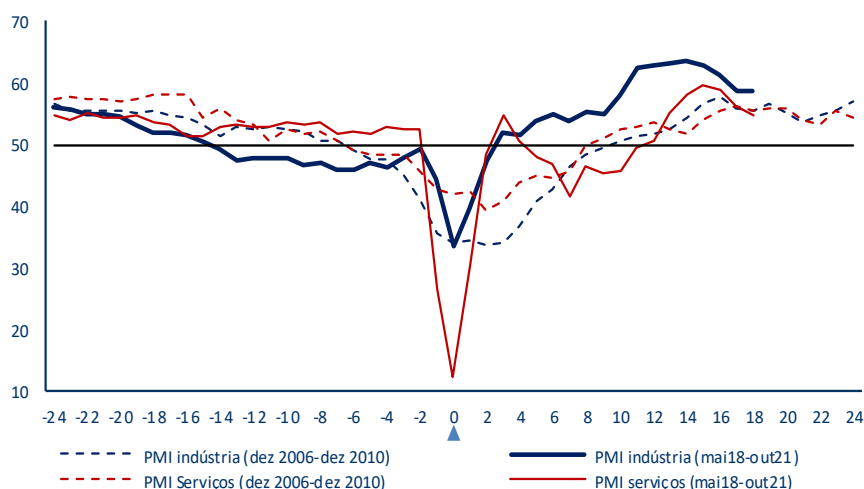
1. Economia e Mercados Financeiros

1.1 Economia

Portugal. Os **Indicadores coincidentes** do *Banco de Portugal* mantiveram-se estáveis em setembro. O indicador da **Atividade económica** registou uma variação homóloga de 2.1% (após 2.2% em agosto), enquanto o indicador referente ao **Consumo Privado** manteve-se em 6.2%. Segundo o *INE*, a variação homóloga do Índice de **Preços na Produção Industrial** (IPPI) fixou-se em 13.3% em setembro, após 11.0% no mês anterior. Quando expurgado da componente energética, a variação foi 7.7% (7.0% em agosto).

PMI. Segundo a estimativa preliminar da *Markit*, o indicador compósito PMI da **Área Euro** diminuiu 1.9 pontos em outubro, para 54.3, o nível mais baixo da atual fase de expansão da atividade empresarial, num contexto de constrangimentos nas cadeias de produção e receios em relação à pandemia. Este ritmo é consistente com um abrandamento da atividade no quarto trimestre do ano. Por setor, o **PMI industrial** abrandou para 58.5 pontos (58.6 em setembro), com a produção (53.2 pontos) a registar a leitura mais baixa dos últimos 16 meses. Ao nível dos **serviços**, o **PMI** diminuiu de 56.4 para 54.7, um mínimo desde abril passado. Enquanto as novas encomendas continuaram a registar um aumento, ainda que menos acentuado que no mês anterior, e o ritmo de emprego permaneça bastante elevado, os atrasos nas entregas mantiveram a trajetória de acréscimo. Ao nível dos **preços**, tanto os *inputs*, como os *outputs* atingiram valores historicamente elevados, em particular na indústria. Por países, destaque para a **Alemanha** com uma forte queda de 3.5 pontos no PMI compósito, tendo atingido 52.0 pontos, o mais baixo desde fevereiro de 2021, devido sobretudo ao setor industrial. No caso da **França**, a descida foi menos expressiva (-0.6 pontos), para 54.7 pontos, um mínimo de seis meses. Apesar de a indústria penalizar o crescimento, com a produção a entrar em terreno de contração, os serviços compensaram parte deste abrandamento.

Área Euro: Evolução do PMI nas duas últimas recessões



Área Euro. Segundo a estimativa rápida, o indicador de **confiança dos consumidores** abrandou para -4.8 pontos em outubro, após -4.0 no mês anterior. Mesmo assim, este registo situa-se 11 pontos acima do início do ano.

França. O indicador de atividade das empresas, medido pelo *INSEE*, aumentou de forma expressiva em outubro. A medida compósita da confiança das empresas subiu dois pontos, para 113, após 111 em setembro, mantendo-se acima do observado antes da crise pandémica (106). O principal contributo para esta variação foi o incremento de quatro pontos da confiança nos serviços, para 114, um máximo de 21 anos. A confiança na indústria manteve-se estável em 107 pontos, enquanto no setor da construção caiu para 111. Todas as medidas são coincidentes com um crescimento robusto.

EUA. O indicador de confiança dos empresários da Reserva Federal da região de **Filadélfia** desceu de 30.7 para 23.8 pontos em outubro, apontando para a continuação da expansão da atividade industrial, embora a um ritmo bastante mais lento do que no mês anterior. A **produção industrial** caiu 1.3% em setembro, em cadeia, após a contração de 0.1% em agosto. Esta queda surge na sequência das condições climáticas adversas, com o furacão *Ida* a ser responsável por um contributo negativo de 0.6 p.p. A produção de veículos automóveis e peças diminuiu 7.2% devido à escassez de semicondutores. A produção de *Utilities* desceu 3.6%, seguido pela produção mineira com -2.3%. No mesmo mês, a **utilização da capacidade** para o setor industrial diminuiu 1.0 p.p., para 75.2%, leitura que se encontra 4.4 p.p. abaixo da média de longo prazo.

China. A economia chinesa registou um crescimento homólogo do **PIB** de 4.9% no terceiro trimestre de 2021, uma redução acentuada face ao ritmo de expansão de 7.9% no período anterior, e inferior às expectativas de mercado de 5.2%. Esta leitura representa a variação mais baixa desde o terceiro trimestre do ano passado, em função das diversas frentes de incerteza, incluindo escassez de energia, estrangulamentos nas cadeias de produção, riscos do setor imobiliário e surtos de *Covid-19*. Considerando os três primeiros trimestres do ano, a economia cresceu 9.8% em relação ao ano anterior.

A **produção industrial** subiu 3.1% em setembro, inferior aos 5.3% no mês anterior, e o ritmo mais fraco desde março do ano anterior, durante a primeira vaga da pandemia, devido ao racionamento de energia desencadeado pela escassez de carvão. Em contrapartida, o crescimento o **comércio a retalho** passou de 2.5% para 4.4%, à medida que foram controlados alguns surtos da pandemia em diversas regiões. O **investimento em ativos fixos** avançou 7.3% nos primeiros nove meses do ano, um abrandamento face aos 8.9% no período de janeiro a agosto. O investimento abrandou tanto no setor público, como no setor privado.

Bancos Centrais. O Banco Central da **Rússia** decidiu aumentar a taxa de juro diretora em 75 p.b. para 7.50%, em função das recentes leituras de inflação (7.4% em setembro), as quais continuam a distanciar-se do objetivo de 4.0%. Caso as pressões inflacionistas se mantenham, o banco central encontra-se disposto a novos aumentos.

1.2 Mercados Financeiros (atualizado sexta-feira, 22 de outubro às 12h00)

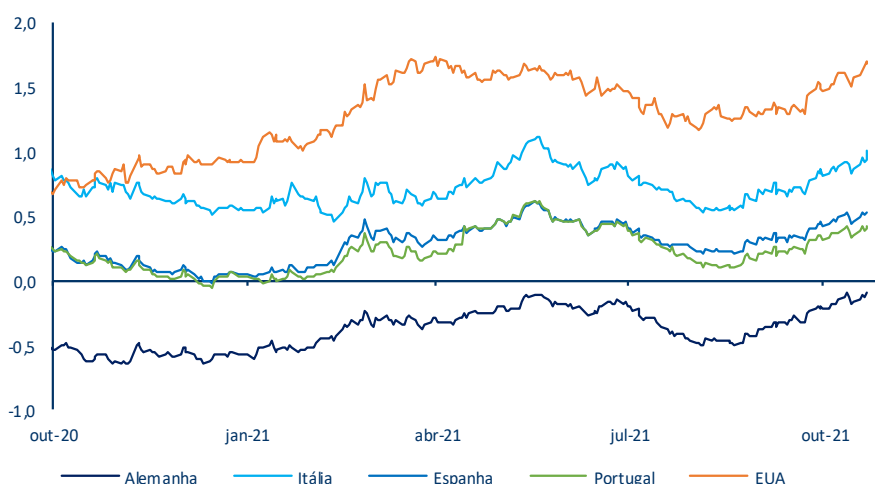
Nos mercados financeiros, a semana ficou marcada pela incerteza em torno do impacto dos custos mais elevados na economia em resultado dos problemas nas cadeias de fornecimento e das insuficiências no mercado de trabalho, numa altura em que os bancos centrais continuam mais inclinados para a retirada de diversas medidas de estímulo, com destaque para a Reserva Federal e para o Banco de Inglaterra. O ressurgimento de focos de pandemia e novos confinamentos também contribuíram para o avolumar dos receios e incertezas. Apesar dos riscos atuais, verificaram-se novos máximos históricos nos mercados acionistas norte-americanos.

Nos **mercados monetários** as principais taxas de referência encerraram com variações moderadas, com um intervalo compreendido entre -0.1 p.b. no prazo a 3 meses (-0.549%) e +1.2 p.b. a 12 meses (-0.471%). No segundo caso, a *yield* atingiu o valor mais elevado do ano, na semana que antecede a próxima reunião do BCE, esperando-se uma melhor definição por parte do banco central da sua posição quanto ao rumo da economia e conseqüente política monetária.

As *yields* das **obrigações de dívida soberana europeia** terminaram a semana com subidas generalizadas motivadas pelos receios de subida da taxa de juro no Reino Unido e de recuo nos apoios concedidos pelo BCE. As curvas de rendimento das obrigações, que tinham registado um ligeiro achatamento justificado pelo abrandamento da atividade à medida que se verificam maiores pressões de preços, voltaram a evidenciar uma maior inclinação: 5 p.b. em média. As taxas de juro, a 10 anos, registaram uma variação média superior a 8 p.b., liderada pelas *yields* dos países da periferia: Itália (+13.7 p.b., para 1.01%) e Grécia (+11.7 para 1.03%), em ambos os casos em máximos desde maio. Na Alemanha, a *yield* voltou a aproximar-se do máximo anual atingido na semana anterior (-0.094%) e em Portugal fixou-se no valor mais alto desde final de junho (0.41%).

Nos EUA, a manutenção da inflação elevada e os sinais positivos transmitido pelos indicadores económicos continuaram a justificar o aumento das *yields* de longo prazo, parecendo incorporar já o início do “*tapering*” em novembro por parte da *Fed*. As taxas de juro a 10 e 30 anos fixaram-se em 1.67% e 2.12%, respetivamente (máximos de 5 meses).

Europa e EUA : Taxas de dívida soberana a 10 anos (%)

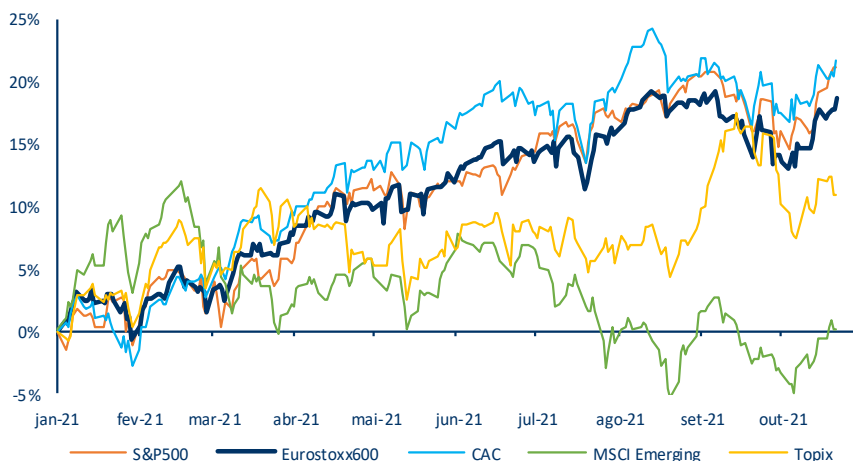


Nos **mercados acionistas** mantém-se o foco sobre a divulgação dos resultados empresariais trimestrais na Europa e nos EUA, que em termos globais continuam muito fortes, apesar dos riscos elevados. As empresas tecnológicas norte-americanas lideraram os ganhos levando o *NASDAQ* a valorizar 1.1%, destacando-se também o *S&P500* (+1.4%), que na quinta-feira atingiu um novo máximo histórico.

Na Europa, o *Eurostoxx600* valorizou 0.8% (+4.0% no mês), tendo o *PSI20* português estado em destaque (2.3%, após 2.9% na semana anterior). Os indicadores económicos na região começam a revelar um ritmo de crescimento mais moderado e assimétrico entre os Estados membros, em alguns deles começando igualmente a registar um número crescente de casos de COVID-19, o que contribui para aumentar a incerteza no curto prazo. A nível europeu os setores mais defensivos encerraram com ganhos superiores, nomeadamente as *utilities* (+2.8%) e a *saúde* (+2.0%).

Nos países emergentes, o *MSCI* apreciou 0.7%, embora o destaque vá para a queda significativa do *Bovespa* brasileiro (-6.0%), com receios dos investidores face ao descontrolo fiscal e potencial instabilidade política no país.

Evolução dos principais índices acionistas (base=dez/20)



Nos **mercados cambiais**, o dólar efetivo depreciou 0.4% na semana, afastando-se do máximo anual alcançado no início do mês, à medida que a preferência por ativos de maior risco tem vindo a consolidar, ao que acresce o maior nível de restritividade de política monetária em cada vez mais países.

No que concerne às **matérias-primas**, verificou-se uma valorização da classe dos metais preciosos, com destaque para a prata (4.5%), com o ouro a registar um ganho inferior (1.5%) - ainda negativos em 2021. A semana foi de queda das cotações dos metais base, após o *London Metal Exchange Metal Index* ter atingido um novo máximo histórico no final da semana anterior. A cotação do petróleo (*brent*), que desde o início do ano regista um ganho de 65%, permaneceu praticamente inalterada (-0.2%).

2. Temas da semana

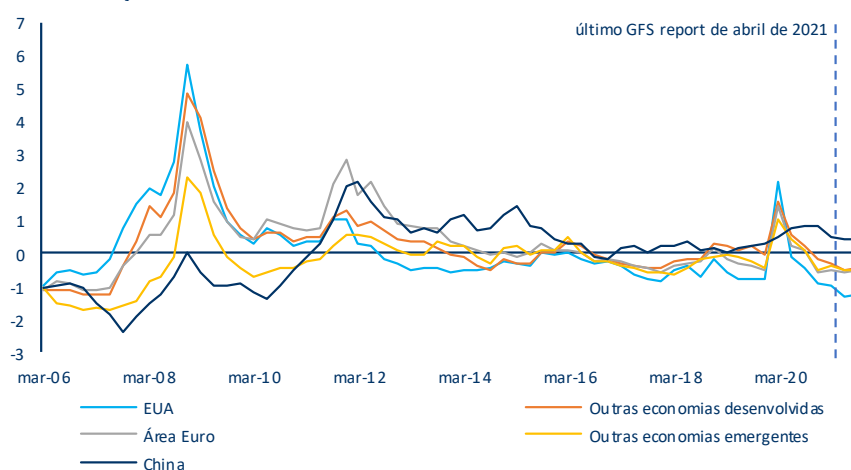
2.1 FMI - “Global financial stability overview” - principais destaques

Apesar da manutenção do contexto de pandemia, o Fundo Monetário Internacional (FMI) considera, no **Global Financial Stability Report** que os riscos de estabilidade financeira permanecem contidos até o momento, refletindo o apoio contínuo da política monetária e da política fiscal, bem como a recuperação da economia global este ano. O FMI sublinha, no entanto, que nos últimos meses os investidores têm revelado uma crescente preocupação com a dinâmica de crescimento e uma maior incerteza sobre a sustentabilidade da recuperação. Apesar dos receios crescentes com o crescimento, as taxas de juro de logo prazo voltaram a aumentar a partir de final de setembro, revertendo a descida registada entre maio e o final de agosto. Para este movimento contribuiu a preocupação com a possibilidade das pressões de preços serem mais duradouras do que inicialmente previsto. Embora os bancos centrais antevejam que essas pressões diminuam gradualmente, os riscos para as perspetivas de inflação encontram-se atualmente enviesados em alta em muitos países.

As condições financeiras nas economias avançadas mantêm-se em território associado a expansão. Apesar da correção recente, os preços das ações subiram e os *spreads* de crédito continuaram a estreitar desse abril, enquanto as taxas de juro continuam a ter contributos positivos para as condições financeiras acomodáticas. O mesmo sucede quanto aos preços das casas, que têm registado um rápido crescimento em muitos países, impulsionado pelas políticas monetárias expansionistas.

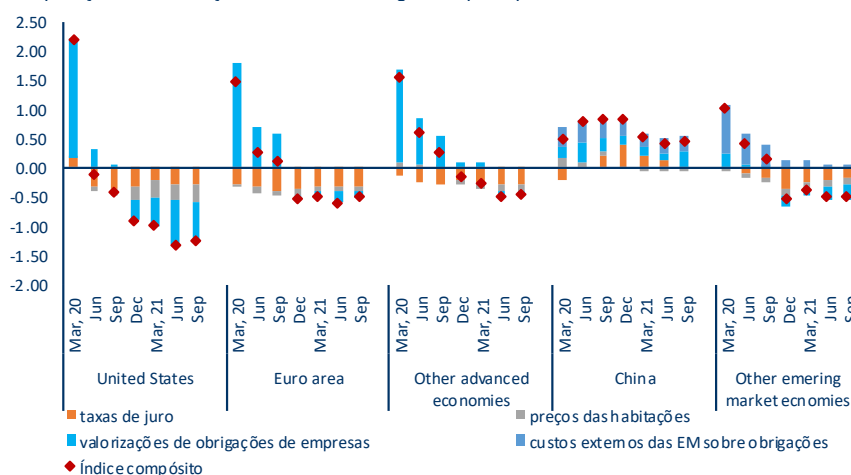
As condições financeiras nas economias emergentes tiveram igualmente poucas alterações face a abril, mesmo que a disseminação mais rápida do vírus e o acesso desigual às vacinas representem uma ameaça à recuperação económica. As *yields* das obrigações soberanas em moeda local permanecem mais elevadas num contexto em que nestes países se assiste a um aumento mais significativo da emissão de moeda e das pressões inflacionistas. O FMI alerta, por isso, para o risco de uma mudança repentina de orientação da política monetária nas economias avançadas, em concreto no que isso pode significar para as taxas de juro já elevadas via um aperto das condições financeiras, que pode afetar adversamente os fluxos de capital e contribuir para o agravamento dos receios em torno da sustentabilidade da dívida.

Global: Condições financeiras



Fonte: FMI

Composição das condições financeiras - regiões e principais economias



Fonte: FMI

De acordo com o FMI, as condições de crédito têm continuado a melhorar no setor *corporate*, embora de forma desigual. Em termos gerais, os balanços das empresas ficaram mais robustos e a rentabilidade melhorou. Os *defaults* e falências diminuíram, embora persistam diferenças entre países, tal como entre setores e empresas de dimensões diferentes. Os riscos de solvência permanecem elevados, na ótica do FMI, nos setores mais afetados pela pandemia e no caso das

pequenas empresas. Assim sendo, o apoio a empresas viáveis continua a ser crucial.

Na China, pelo contrário, as condições de crédito tornaram-se mais restritivas, especialmente para empresas com avaliações de crédito fracas e com finanças públicas mais débeis no caso de algumas províncias, destacando-se a urgência de uma reestruturação abrangente e esforços de reformas, incluindo a eliminação gradual de garantias implícitas e para lidar com as deficiências financeiras.

Finalmente, o FMI considera que os bancos têm desempenhado um papel crucial no apoio ao fluxo de crédito para a economia durante o período mais grave da pandemia, embora os critérios de concessão de crédito bancário permaneçam restritivos em muitos países. Essa postura deverá persistir nestes casos, constituindo o principal constrangimento ao crescimento dos empréstimos e suscitando dúvidas sobre a capacidade dos bancos de contribuir para a recuperação, uma vez retiradas as medidas de apoio financeiro e fiscal.

2.2 FMI – “Fiscal Monitor” - principais destaques

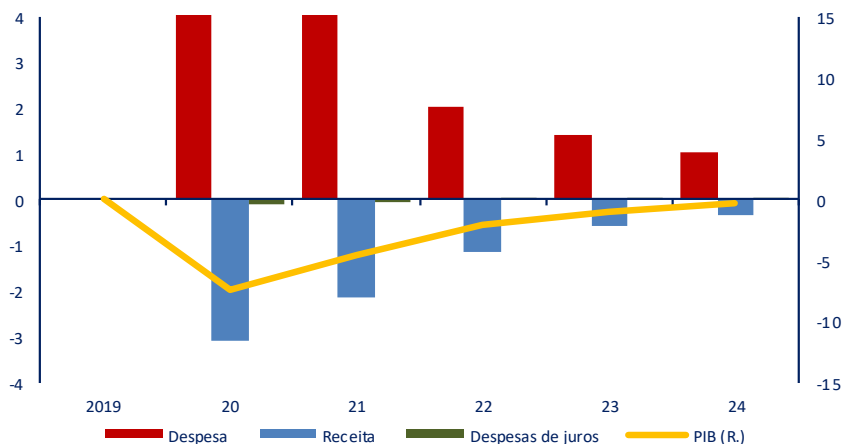
O Fundo Monetário Internacional (FMI) divulgou o **Fiscal Monitor** (FM) de outubro de 2021, relatório semestral que visa reportar as responsabilidades de acompanhamento e supervisão relativo aos desenvolvimentos em matéria orçamental, e cujas projeções são baseadas na mesma base de dados do *World Economic Outlook* (WEO).

Em função do curso ainda incerto da pandemia e do acesso desigual às vacinas nos diversos países, as políticas orçamentais continuam a ser cruciais para apoiar as famílias e empresas durante a recuperação económica. As campanhas de vacinação fomentaram a retoma do crescimento da atividade económica e do emprego, o que aliviou a pressão sobre as finanças públicas.

Com um maior número de pessoas vacinadas, aliado à maior resiliência da atividade económica perante a crise epidemiológica, os défices orçamentais em 2021 começaram a diminuir embora permaneçam elevados, de acordo com os padrões pré-pandémicos. Em 2022, os défices deverão continuar a sua trajetória de redução. Os países que registaram subidas do défice de forma mais expressiva em 2020 deverão agora conseguir as maiores descidas, à medida que as receitas fiscais aumentam com a retoma do PIB, aliado ao término de alguns programas de apoio, que tiveram um impacto forte no aumento da despesa.

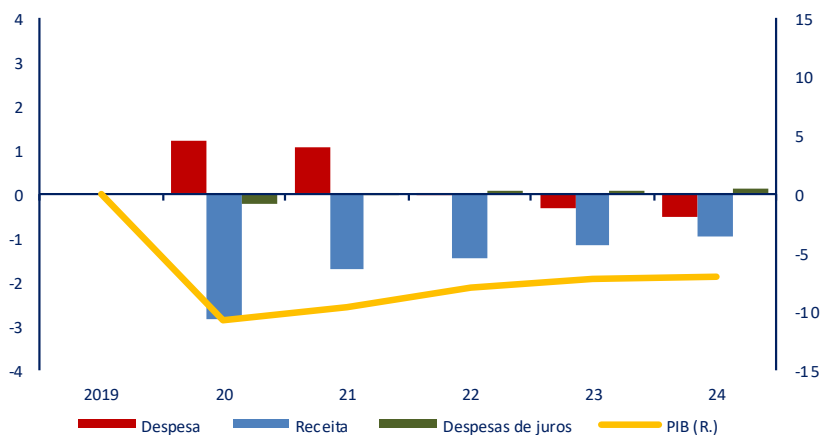
Segundo o FMI, entre os \$16.9 biliões de medidas fiscais para combater a pandemia, grande parte expira em 2021. As despesas atuais dos governos passaram de medidas de combate à pandemia para o apoio à recuperação e à transformação das economias, de modo a torná-las mais produtivas, equitativas, e sustentáveis. São exemplos desta alteração o plano de recuperação NextGenerationEU na União Europeia e os Planos de Emprego e Família nos Estados Unidos. Nos mercados emergentes, a recuperação é travada pela menor disponibilidade de vacinas e pelo espaço mais reduzido para medidas de apoio orçamental. Nestes mercados, a recuperação do PIB e das receitas fiscais associadas ajudou a melhorar os saldos orçamentais em 2021, mas em contraste com as economias avançadas, as medidas de apoio para fazer face à crise foram muito inferiores. Apesar da recuperação, a trajetória do PIB manter-se-á a níveis inferiores às projeções pré-pandémicas por um período prolongado, levando a uma redução das receitas fiscais.

Economias desenvolvidas: Efeitos da pandemia nas receitas e despesas orçamentais



Fonte: FMI (Desvio da projeção em percentagem do PIB de 2019)

Economias emergentes: Efeitos da pandemia nas receitas e despesas orçamentais

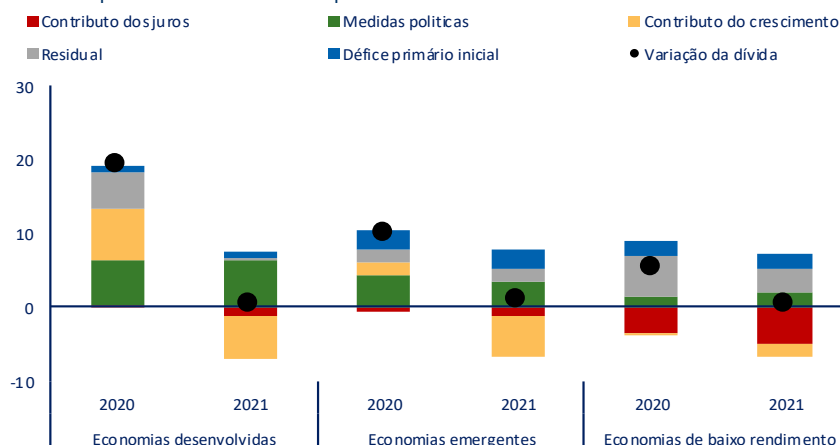


Fonte: FMI (Desvio da projeção em percentagem do PIB de 2019)

A dívida pública global aproximou-se dos 100%, atingindo os 98.6% em 2020, o valor mais elevado de sempre. Após este movimento, a dívida nos próximos anos deverá permanecer persistentemente mais elevada do que os níveis projetados antes da pandemia, como por exemplo no bloco desenvolvido, onde o FMI prevê que o rácio da dívida pública se encontre 15 p.p. acima do valor em 2019. Este facto aumenta a probabilidade de uma maior necessidade de financiamento bruto dos governos para cobrir tanto a dívida nova como a dívida vencida.

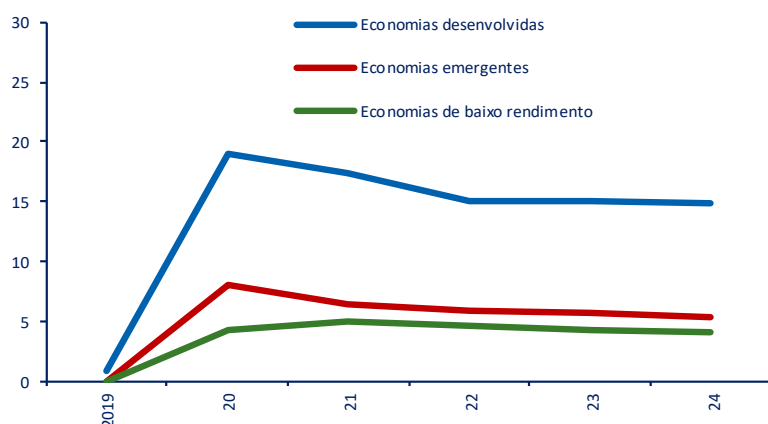
Em alguns países, os custos dos empréstimos estão a aumentar, em função do aumento das taxas de juro diretas dos bancos centrais devido a preocupações sobre a inflação e a depreciação cambial. Contudo, os programas de aquisição de dívida pública pelos bancos centrais (especialmente nas economias avançadas) e pelo sector bancário (nos mercados emergentes) deverão ajudar a conter o custo dos novos empréstimos.

Contributos para o aumento da dívida pública



Fonte: FMI

Efeito da Pandemia da COVID-19 na Dívida Bruta do Governo, 2019-24



Fonte: FMI (Mudança em relação às projecções pré-pandémicas, %do PIB)

Saldo Orçamental das Administrações Públicas

(% do PIB)

	2019	2020	Projeções					
			2021	2022	2023	2024	2025	2026
Mundial	-3.6	-10.2	-7.9	-5.2	-4.2	-3.8	-3.6	-3.5
Economias Desenvolvidas	-3.0	-10.8	-8.8	-4.8	-3.6	-3.2	-3.1	-3.0
Área Euro	-0.6	-7.2	-7.7	-3.4	-2.4	-2.0	-1.7	-1.6
França	-3.1	-9.2	-8.9	-4.7	-3.9	-3.6	-3.4	-3.4
Alemanha	1.5	-4.3	-6.8	-1.8	-0.4	0.0	0.5	0.5
Itália	-1.6	-9.5	-10.2	-4.7	-3.5	-2.9	-2.6	-2.4
Espanha	-2.9	-11.0	-8.6	-5.0	-4.4	-4.2	-4.2	-4.3
Japão	-3.1	-10.3	-9.0	-3.9	-2.1	-2.1	-2.1	-2.2
Reino Unido	-2.3	-12.5	-11.9	-5.6	-3.6	-3.2	-3.1	-2.9
EUA	-5.7	-14.9	-10.8	-6.9	-5.7	-5.2	-5.3	-5.3
Economias Emergentes	-4.7	-9.6	-6.6	-5.8	-5.2	-4.8	-4.4	-4.1
Ásia	-5.9	-10.8	-7.9	-7.0	-6.2	-5.7	-5.2	-4.8
China	-6.3	-11.2	-7.5	-6.8	-6.2	-5.6	-5.0	-4.5
Índia	-7.4	-12.8	-11.3	-9.7	-8.8	-8.3	-8.1	-7.8
Europa	-0.7	-5.6	-3.2	-2.4	-2.1	-2.2	-2.3	-2.5
Rússia	1.9	-4.0	-0.6	0.0	0.2	0.1	-0.2	-0.5
América Latina	-4.1	-8.8	-5.7	-4.9	-4.2	-3.5	-3.1	-2.9
Brasil	-5.9	-13.4	-6.2	-7.4	-6.4	-5.4	-4.8	-4.4
México	-2.3	-4.5	-4.2	-3.5	-3.2	-2.9	-2.8	-2.8
Médio Oriente e África do norte	-2.9	-8.2	-4.3	-3.7	-3.7	-3.7	-3.7	-3.4
Árabia Saudita	-4.5	-11.3	-3.1	-1.8	-1.4	-1.1	-0.6	0.1
África do Sul	-4.8	-10.8	-8.4	-7.0	-6.4	-6.2	-6.5	-6.8
Produtores de Petróleo	-0.2	-7.5	-4.2	-2.2	-1.6	-1.6	-1.6	-1.6

Fonte: FMI

Dívida Pública
 (% do PIB)

	2019	2020	Projeções					
			2021	2022	2023	2024	2025	2026
Mundial	83.6	98.6	97.8	96.9	97.0	96.9	96.8	96.5
Economias Desenvolvidas	103.8	122.7	121.6	119.3	119.3	119.1	118.8	118.6
Área Euro	83.7	97.5	98.9	96.3	95.4	94.5	93.4	92.2
França	97.6	115.1	115.8	113.5	114.6	115.4	116.2	116.9
Alemanha	59.2	69.1	72.5	69.8	68.0	65.9	63.4	60.9
Itália	134.6	155.8	154.8	150.4	149.4	148.6	147.5	146.5
Espanha	95.5	119.9	120.2	116.4	116.2	116.3	116.8	117.5
Japão	235.4	254.1	256.9	252.3	250.8	251.0	251.3	251.9
Reino Unido	85.2	104.5	108.5	107.1	109.4	110.5	111.2	111.6
EUA	108.5	133.9	133.3	130.7	131.1	131.7	132.5	133.5
Economias Emergentes	54.7	64.0	64.3	65.8	67.1	68.2	69.0	69.8
Ásia	57.3	67.3	70.1	72.4	74.2	75.7	77.0	78.1
China	57.1	66.3	68.9	72.1	74.5	76.6	78.5	80.1
Índia	74.1	89.6	90.6	88.8	88.1	87.3	86.3	85.2
Europa	29.2	38.0	36.6	36.7	36.8	37.1	37.2	37.4
Rússia	13.8	19.3	17.9	17.9	17.7	17.8	17.5	17.5
América Latina	68.3	78.1	73.0	73.6	74.2	74.2	73.8	73.2
Brasil	87.7	98.9	90.6	90.2	91.7	92.4	92.6	92.4
México	53.3	61.0	59.8	60.1	60.5	60.9	61.2	61.5
Médio Oriente e África do norte	45.7	52.6	48.4	47.1	47.5	47.9	48.2	48.3
Arábia Saudita	22.8	32.5	29.7	30.8	30.4	29.5	28.4	27.2
África do Sul	56.3	69.4	68.8	72.3	74.9	77.4	80.2	83.0
Produtores de Petróleo	45.5	58.0	54.1	52.9	52.2	51.7	51.1	50.4

Fonte: FMI

Riscos

De acordo com o FMI, a evolução da pandemia e as suas implicações tanto sociais, como económicas, continuam a representar a principal fonte de risco para as perspetivas globais no curto prazo. Uma maior produção e fornecimento de vacinas, especialmente nos mercados emergentes, tem potencial para acelerar a recuperação económica e melhorar as perspetivas fiscais. Em sentido contrário, a propagação de novas variantes acrescentou renovadas incertezas, e a hesitação em ser vacinado em alguns países, a par da baixa cobertura de pessoas vacinadas, poderão atrasar a retoma da economia, aumentando as pressões sobre as contas públicas, com muitos governos a enfrentarem um aumento da restritividade nas condições de empréstimos.

Os rácios da dívida e o PIB e o rácio dívida/receita fiscal tiveram um grande aumento em 2021 em relação a 2019, sinalizando uma redução do espaço de atuação das medidas de foro orçamental. Este facto é relativamente considerável nos mercados emergentes, onde os *spreads* aumentaram em vários casos, sinalizando uma menor capacidade na obtenção de financiamento e, dado o maior risco, alterações nas notações de crédito. Como as taxas de juro mais elevadas tornam a dívida mais onerosa, e as receitas fiscais permanecem relativamente baixas, isto pressiona a capacidade para pagar a dívida, uma tendência que tem sido exacerbada pela atual crise. Em contrapartida, principalmente para as economias avançadas, a redução do *gap* entre a taxa de juro implícita na dívida pública e a taxa média de crescimento prevista para a próxima década compensa em parte este risco.

Nos países onde a dívida era mais elevada e registou um aumento considerável, bem como as necessidades brutas de financiamento, as finanças públicas estão mais vulneráveis ao aumento do serviço da dívida quando os bancos centrais reduzirem ou terminarem os programas de compras de ativos.

Portugal

Em função ao impacto da pandemia nas contas das finanças públicas portuguesas, o FMI estima que os défices orçamentais se mantenham nos próximos anos, atingindo 4.8% este ano e 3.0% em 2022, inferior à expectativa do Governo na proposta do Orçamento de Estado para 2022 (-3.2%). A dívida pública portuguesa deverá reduzir-se já em 2021 e manterá esta trajetória até 2026, ano em que ficará abaixo do valor observado em 2019.

Portugal: Cenário Orçamental do FMI	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026
Saldo Orçamental (% do PIB)	-6.2	-5.1	-7.3	-4.4	-1.9	-3.0	-0.3	0.1	-5.7	-4.8	-3.0	-2.2	-1.5	-1.4	-1.3
Saldo primário (% do PIB)	-1.9	-0.9	-3.0	-0.1	1.9	0.7	2.9	2.9	-3.0	-2.3	-0.8	-0.1	0.4	0.2	0.3
Saldo Orçamental ciclicamente-ajustado (% do PIB potencial)	-1.7	0.1	-2.7	-1.1	0.2	-2.3	-0.5	-0.7	-1.4	-1.3	-1.3	-1.3	-1.1	-1.2	-1.2
Saldo Primário ciclicamente-ajustado (% do PIB potencial)	2.3	3.9	1.4	2.9	3.9	1.3	2.7	2.2	1.2	1.2	0.9	0.7	0.7	0.4	0.4
Receita Pública (% do PIB)	42.7	44.8	44.4	43.8	42.9	42.4	42.9	42.5	43.3	44.0	43.5	43.4	43.1	42.7	42.2
Despesa Pública (% do PIB)	48.9	49.9	51.7	48.2	44.8	45.4	43.2	42.4	49.0	48.8	46.5	45.6	44.6	44.1	43.5
Dívida Pública (% do PIB)	129.0	131.4	132.9	131.2	131.5	126.1	121.5	116.6	135.2	130.8	125.7	122.8	119.9	117.1	114.7
Dívida Pública líquida (% do PIB)	117.1	118.9	120.6	121.0	119.4	116.0	113.4	109.8	123.2	121.8	117.3	114.7	112.1	109.6	107.4

Fonte: FMI

3. Anexo de Informação Financeira

(atualizado sexta-feira, 22 de outubro às 12h00)

MERCADO MONETÁRIO

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):			
	31-dez-20	30-set-21	15-out-21	22-out-21	2021 YTD	Mês	Semana	
EURIBOR Act/360 dias								
1 mês	-0,554	-0,563	-0,564	-0,563	↓ -0,009	↔ 0,000	↑ 0,001	
3 Meses	-0,545	-0,545	-0,548	-0,549	↓ -0,004	↓ -0,004	↓ -0,001	
6 Meses	-0,526	-0,528	-0,528	-0,534	↓ -0,008	↓ -0,006	↓ -0,006	
12 Meses	-0,499	-0,488	-0,483	-0,471	↑ 0,028	↑ 0,017	↑ 0,012	
LIBOR USD Act/360 dias								
LIB 1 mês	0,144	0,080	0,080	0,086	↓ -0,058	↑ 0,006	↑ 0,005	
LIB 3 meses	0,238	0,130	0,124	0,128	↓ -0,110	↓ -0,002	↑ 0,005	
LIB 6 meses	0,258	0,159	0,161	0,171	↓ -0,087	↑ 0,012	↑ 0,010	
LIB 12 meses	0,342	0,237	0,280	0,297	↓ -0,045	↑ 0,060	↑ 0,017	

OBRIGAÇÕES DE GOVERNO - 10 anos

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):			
	31-dez-20	30-set-21	15-out-21	22-out-21	2021 YTD	Mês	Semana	
Portugal	0,030	0,355	0,351	0,413	↑ 0,383	↑ 0,058	↑ 0,062	
Espanha	0,047	0,459	0,458	0,529	↑ 0,482	↑ 0,070	↑ 0,071	
Grécia	0,628	0,877	0,917	1,034	↑ 0,406	↑ 0,157	↑ 0,117	
Itália	0,543	0,858	0,869	1,006	↑ 0,463	↑ 0,148	↑ 0,137	
França	-0,338	0,155	0,173	0,240	↑ 0,578	↑ 0,085	↑ 0,067	
Alemanha	-0,569	-0,199	-0,167	-0,094	↑ 0,475	↑ 0,105	↑ 0,073	
Reino Unido	0,197	1,022	1,106	1,178	↑ 0,981	↑ 0,156	↑ 0,072	
Suíça	-0,550	-0,164	-0,117	-0,041	↑ 0,509	↑ 0,123	↑ 0,076	
EUA	0,913	1,487	1,570	1,675	↑ 0,762	↑ 0,188	↑ 0,105	
Japão	0,021	0,072	0,083	0,097	↑ 0,076	↑ 0,025	↑ 0,014	

ÍNDICES ACIONISTAS

	Valor observado				Variação (%):			
	31-dez-20	30-set-21	15-out-21	22-out-21	2021 YTD	Mês	Semana	
Eurostoxx 600	399	455	469	473	↑ 18,6%	↑ 4,0%	↑ 0,8%	
IBEX	8074	8796	8997	8943	↑ 10,8%	↑ 1,7%	↓ -0,6%	
CAC	5551	6520	6728	6756	↑ 21,7%	↑ 3,6%	↑ 0,4%	
DAX	13719	15261	15587	15607	↑ 13,8%	↑ 2,3%	↑ 0,1%	
FTSE	6461	7086	7234	7231	↑ 11,9%	↑ 2,0%	↓ 0,0%	
PSI20	4898	5461	5659	5762	↑ 17,6%	↑ 5,5%	↑ 1,8%	
S&P 500	3756	4308	4471	4550	↑ 21,1%	↑ 5,6%	↑ 1,8%	
Nasdaq	12888	14449	14897	15216	↑ 18,1%	↑ 5,3%	↑ 2,1%	
Topix	1805	2030	2024	2002	↑ 10,9%	↓ -1,4%	↓ -1,1%	
MSCI Emerg	1291	1253	1284	1293	↑ 0,1%	↑ 3,2%	↑ 0,7%	
Shanghai	3473	3568	3572	3583	↑ 3,2%	↑ 0,4%	↑ 0,3%	

CÂMBIOS e MATÉRIAS-PRIMAS

	Valor observado				Variação (%):			
	31-dez-20	30-set-21	15-out-21	22-out-21	2021 YTD	Mês	Semana	
EUR/USD	1,2216	1,1580	1,1601	1,1638	↓ -4,7%	↑ 0,5%	↑ 0,3%	
EUR/JPY	126,18	128,88	132,52	132,43	↑ 5,0%	↑ 2,8%	↓ -0,1%	
EUR/GBP	0,8937	0,8593	0,8436	0,8440	↓ -5,6%	↓ -1,8%	↑ 0,0%	
EUR/CHF	1,0812	1,0786	1,0708	1,0669	↓ -1,3%	↓ -1,1%	↓ -0,4%	
EUR/AOA	795,17	701,91	700,24	701,86	↓ -11,7%	↓ 0,0%	↑ 0,2%	
EUR/MZN	91,50	73,93	74,27	74,36	↓ -18,7%	↑ 0,6%	↑ 0,1%	
Petróleo (Brent \$)	51,17	78,77	84,87	84,68	↑ 65,5%	↑ 7,5%	↓ -0,2%	
Ouro (\$)	1898,36	1756,95	1767,62	1794,31	↓ -5,5%	↑ 2,1%	↑ 1,5%	
Prata (\$)	26,40	22,17	23,31	24,36	↓ -7,7%	↑ 9,9%	↑ 4,5%	
Cobre (\$)	351,90	408,90	472,95	459,25	↑ 30,5%	↑ 12,3%	↓ -2,9%	
Soja (\$)	1315,25	1256,00	1217,75	1228,75	↓ -6,6%	↓ -2,2%	↑ 0,9%	
Milho (\$)	484,00	536,75	525,75	537,25	↑ 11,0%	↑ 0,1%	↑ 2,2%	

DISCLAIMER

Esta informação não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Geral de Depósitos e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Geral de Depósitos por perdas ou danos causados pelo seu uso.

A informação contida neste documento é realizada com um objetivo informativo, sendo enviada como um instrumento auxiliar, não podendo servir de base a qualquer investimento que possa ser realizado.

Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rentabilidade futura.

Não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Geral de Depósitos não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.